

18 de Novembro de 2018
33.º Domingo do Tempo Comum, Ano B



Nestes últimos domingos, o tema do olhar esteve presente várias vezes. O último encontro de Jesus, na sua caminhada para Jerusalém, foi com Bartimeu (Mc. 10,46-52), durante o qual ele foi curado da sua cegueira. Esta cura tinha sido precedida, no domingo anterior, pelo episódio da viúva e pelo apelo de Jesus a que se olhasse para este gesto e não para os dois que procuravam ser vistos e aprovados pelos outros. (Mc. 12, 38-44).

Tudo parece querer mostrar que Jesus, antes de entrar nos dias da sua Paixão, quis instar os seus a aprenderem a olhar com um olhar novo.

A passagem de hoje, encontra-se no XII capítulo de Marcos (Mc 13-24-32), ou seja, no discurso escatológico.

Parece que o facto de termos treinado o nosso olhar durante a caminhada seja, neste momento, particularmente importante na narrativa do Evangelho.

Jesus fala, antes de mais, da iminente chegada dos dias de angústia, de tribulação, de dor, diz que algo de muito grave e inimaginável irá acontecer e que tudo será alterado.

Jesus não está a falar do fim dos tempos, mas sim do presente, da vida de todos os homens. Os últimos tempos começam com a Páscoa e, de forma particular, com o momento da cruz. Com efeito, há nos versículos que acabámos de ler, deferentes referências à passagem que narra a morte de Cristo. Poderíamos dizer que, no discurso escatológico, Jesus não fala em nada do que se vai passar na cruz e depois da cruz.

O primeiro fenómeno é tudo escurecer (Mc. 13-24). O sol, a lua e as estrelas, deixaram de ter luz e assim será difícil conseguir ver.

Sol, lua e estrelas são pontos de referência no céu. Ou seja, são para nós, os elementos mais estáveis e seguros da criação. E, no entanto, tudo se apagará. É o sinal de que o mundo acaba, o tempo termina.

Ora, quando Jesus for pregado na cruz, nesse momento, o sol escurecerá (Mc. 15,33). O que quer dizer que com a sua morte o mundo chegará ao fim. A cruz é, antes de mais, o fim de "algo" e este "algo" é justamente o mundo do pecado, o mundo no qual o homem é escravo do mal. Este mundo acaba com a cruz de Jesus. Mas não é tudo. Pois é exactamente na mais profunda escuridão, que pode acontecer que alguém seja capaz de ver algo de novo, de ver que o Filho do homem chega ("então veremos o Filho do homem chegar no meio de nuvens, em poder e glória" (Mc 13,26). Pois é na cruz que o Senhor dá a vida.

Poderíamos dizer que a cruz é como uma bifurcação decisiva. Diante do espectáculo deste homem crucificado alguns não conseguem ver nada, e assim, nada mais podem fazer do que senão escarnecer dele e ultrajá-lo. Mas há os que conseguem ver. Em Marcos, é o centurião, um pagão, um soldado, um culpado que dão este passo decisivo. É assim, alguém "longínquo" que, na escuridão, vê que aquele que assim morre, sem se salvar, e para salvar os outros, não pode ser senão o Filho de Deus. (Mc, 15,38).

É curioso que não sejam os discípulos a darem este passo, mas sim aquele que está ali, quase por acaso, tudo nos diz que o discípulo é aquele que vive da graça, que acolhe esta dádiva. Ele não vê primeiro por ter compreendido, mas porque acolhe a dádiva totalmente imerecida. O caminho do discípulo é o de acolher a graça com os olhos do ressuscitado.

Então poderemos dizer que, nos dias angustiantes da vida, o que faz a diferença é o olhar. Não é a força, nem o estatuto social menos ainda o que se possui. De tudo isto nada resta. Ao contrário, se o olhar souber ver para lá da aparência, então a luz surge na escuridão. Na verdade, a vida vem da morte de Jesus.

O olhar cristão é um olhar que sabe discernir o ritmo da Páscoa no interior das realidades da vida. E isto com a mesma certeza daquele que, ao ver os rebentos de uma árvore, sabe que o verão está próximo (Mc. 13,28). E sabe como recomeçar quando tudo parece acabar.

Não se trata de esperar que algo de novo aconteça. Seria assim adiar para um hipotético momento as escolhas da vida. Tudo já aconteceu e trata-se de se dar conta, de ver de forma avisada e de fazer uma escolha. É deixarmo-nos reunificar a partir das nossas próprias dispersões e das nossas ilusões para imergirmos numa vida sem medo.

Apesar de termos sublinhado o carácter central do olhar, a passagem de hoje termina sobretudo com a escuta. Quando tudo passa, fica uma Palavra eterna e fiel ("o céu e a terra passarão, mas as palavras não passarão" – Mc 13-31). Parece que só aquele

que se apoia na Palavra de Deus poderá, na verdade, ver a novidade que está a nascer. É assim que ele atingirá a plenitude da revelação no mundo futuro, que o Pai continua a dar ao homem, unindo-o, de forma cada vez mais íntima à Páscoa do Senhor Jesus.

+Pierbattista